

## REPERTÓRIO ANCESTRAL FRONTEIRIÇO: TAMBORES EM DIFUSÃO (2020) E MEDIAÇÕES EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Izabela Fernandes de Souza (UNIOESTE)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como intuito refletir as relações fronteiriças negras por meio de suas proposições intermediárias e interculturais, com foco no trabalho desenvolvido pelo grupo de estudos de maracatu de baque-virado Kaburé Maracatu, localizado na cidade de Foz do Iguaçu, e mais especificamente o projeto Kaburé Maracatu: Tambores em difusão (2020). O projeto destinou-se à promoção e difusão da cultura popular conhecida como Maracatu de Baque-Virado em Foz do Iguaçu, através de apresentações artísticas virtuais que reuniram o sotaque de quatro Nações de Maracatu pernambucanas: Leão Coroado, Estrela Brilhante do Recife, Cambinda Estrela e Baque-forte. A ação foi premiada com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Foz do Iguaçu, promovido pela Prefeitura de Foz do Iguaçu, Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e Conselho de Políticas Culturais de Foz do Iguaçu. Nesta oportunidade, mediante a análise do projeto Tambores em difusão (2020), destacaremos como o grupo faz uso do que Alai Diniz e Jazmín Ayala (2016) destacam como metodologia tradutória intercultural. Com o suporte da intermedialidade, buscamos compreender um modo de existência cultural marcada pelo que Irina Rajewsky (2012) destaca como um procedimento que atravessa as fronteiras entre mídias. O estudo aponta considerando as dimensões étnico-raciais e as referências das leis 10.639/03 e 11.645/08, a urgência e relevância de projetos e conexões que tem como fundamento lidar com a diversidade, considerando as assimetrias sociais, os múltiplos contextos e a valorização ancestral negra, a fim de como sublinha Petronilha Silva (2007) superarmos uma noção de democrático que tem como sistemática “ignorar o outro na sua diferença.” (SILVA, 2007, p. 98).

**PALAVRAS-CHAVE:** Maracatu. Ancestralidade. Fronteira. Intermídias. Interculturalidade.

**ABSTRACT:** *This article aims to reflect black people border relations through its intermediatic and intercultural propositions, focusing on the work developed by the Kaburé Maracatu baque-virado maracatu study group, located in the city of Foz do Iguaçu, and more specifically the Kaburé project: Tambores em Difusão (2020). The project was intended to promote and disseminate popular culture, known as Maracatu de Baque-Virado in Foz do Iguaçu, through virtual artistic presentations that brought together the accent of four Maracatu Nations from Pernambuco: Leão Coroado, Estrela Brilhante do Recife, Cambinda Estrela and Baque-Forte. The action was awarded with resources from the Foz do Iguaçu Municipal Culture Fund, promoted by the Foz do Iguaçu City Hall, the Foz do Iguaçu Cultural Foundation and the Foz do Iguaçu Cultural Policy Council. On this occasion, through the analysis of the Tambores em Difusão project (2020), we will highlight how the group makes use of what Alai Diniz and Jazmín Ayala (2016) point out as an intercultural translation methodology. With the support of intermediality, we seek to understand a mode of cultural existence marked by what Irina Rajewsky (2012) says as a procedure that crosses the boundaries between media. The study points out, considering the ethnic-racial dimensions and the references of laws 10,639/03 and 11,645/08, the urgency and relevance of projects and connections that are based on dealing with diversity, considering social asymmetries, multiple contexts and valuation of black ancestor, in order to overcome a notion of democracy that systematically “ignores the other in their difference.” (SILVA, 2007, p. 98).*

**KEYWORDS:** Maracatu. Ancestry. Border. Intermedia. Interculturality.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras – Literatura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: [izabela.fernandesouza@gmail.com](mailto:izabela.fernandesouza@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Neste artigo refletimos as relações fronteiriças intermediáticas, fazendo uso da análise dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de estudos do maracatu de baque-virado Kaburé Maracatu. Fundado no ano de 2016 na região norte do município de Foz do Iguaçu/PR, dentro do núcleo de uma família de pescadores da periferia da cidade, o grupo desenvolve ações culturais e oficinas comunitárias no bairro Vila C e região. O coletivo dentro da cidade de encontro trinacional, entre Brasil, Argentina e Paraguai, se mantém a partir dos esforços comunitários de seus componentes e de grupos parceiros, tanto para sua fundação, quanto para sua manutenção. Enquanto grupo de estudos, o Kaburé Maracatu trabalha diferentes sotaques de Nações de maracatu de baque-virado, manifestação tradicional do estado de Pernambuco. Em contexto de pandemia, o coletivo realizou apresentações virtuais, com destaques a participação em eventos universitários, como Jornadas Negras da Unioeste em 2020, Corredor Cultural especial de carnaval 2021, organizado pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, entre outros.

Desde um olhar de quem participa, coordena e fundou o grupo, esta aproximação é um desdobramento de outras reflexões teóricas/práticas e tem como intuito refletir trajetórias, com destaque a experiência do projeto cultural desenvolvido pelo coletivo no ano de 2020, intitulado '*Kaburé Maracatu – tambores em difusão*'. Num primeiro momento refletiremos, por meio da interculturalidade e da intermedialidade, sobre as formas de saberes ancestrais articuladas entre as Nações e grupos de Maracatu, para posteriormente convergir estes referenciais em nosso estudo de caso, o projeto Tambores em Difusão.

Para compreender a atuação do coletivo, levaremos em conta o aporte epistêmico dos estudos de performance, entendido como um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento (TAYLOR, 2013). Por meio da perspectiva do repertório (CLAUS, 2006) trataremos de perceber como são atualizadas as relações intermediáticas, como marca do espaço-tempo em que se situa o coletivo, e como o grupo transborda as fronteiras territoriais que distanciam o coletivo das Nações de Maracatu, localizadas em Recife e Olinda/PE, local de onde migra essa expressão e com as quais são estabelecidas conexões interculturais.

As práticas do coletivo são, nesta análise, tangenciadas pelo viés da *tradução intercultural* (DINIZ; AYALA, 2016). A partir deste aporte metodológico, teceremos nossa aproximação com as práticas de ensino comunitário elaboradas pelo grupo, e trataremos de compreender as formas com que a comunidade Kaburé Maracatu está realizando suas atividades, tomando o audiovisual como um instrumento de permanência e continuação de ações culturais em tempo de pandemia. Como sublinha Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007) ao pensar as relações étnico-raciais, destacamos nesta pesquisa uma dimensão artístico/cultural que contribui com a aplicação da lei 10.639/03, que combate uma norma hegemônica do Estado brasileiro, marcado como principal condutor histórico, que oculta a diversidade e violenta ancestralidades de matriz africana e indígena.

## MARACATU SOBRE A ÓTICA DA TRADUÇÃO INTERCULTURAL E CONEXÕES INTERMEDIÁTICAS

A cultura popular do Maracatu de Baque-Virado ou Maracatu Nação, insurge do candomblé pernambucano, mais especificamente o *Xangô pernambucano*, e da ritualística da *Jurema*, essa manifestação congrega em seu cortejo o encontro sagrado materializado na presença da calunga, boneca negra feita de cera e madeira, que demarca a presença ancestral ritualizada na rua por esse e por outros elementos interseccionais. Comumente, afirma-se que Maracatu Nação é candomblé na rua. A pesquisadora Alexandra Alencar (2015) destaca que a Calunga personifica *eguns*, que são espíritos de pessoas que já viveram, que possuíam uma

relação com a religiosidade e estavam vinculadas com determinada Nação de Maracatu. Ao sair na rua, a Calunga invoca e representa aspectos da ancestralidade negra, que nas palavras de Alencar (2015) “além de representar toda a ancestralidade negra que ajudou a perpetuar o maracatu, a calunga, através de seu vínculo com a religiosidade, protege a nação espiritualmente.” (ALENCAR, 2015, p. 25). A boneca ritualizada é consagrada para ser carregada por mulheres, denominadas *damas de passo*, que recebem o fundamento, o alimento religioso e o posto para exercer tal função.

As Nações de Maracatu se organizam dentro das distintas casas de Candomblé de Pernambuco, com foco nas cidades de Olinda e Recife. Sobre o aspecto religioso, cabe destacar, como sublinha Alencar (2015), que:

[...] nos sentidos produzidos pelos maracatuzeiros sobre sua prática, o maracatu é também religião, na qual as pessoas vivem sua fé como parte da vivência no maracatu. As nações de maracatu mantêm principalmente relações com religiões de matrizes africanas relacionadas ao culto do xangô pernambucano ou da jurema. (ALENCAR, 2015, p. 133)

O Maracatu Nação é o tipo de expressão cultural e organização social que nos permite visualizar um modo circular de ensino-aprendizagem, assim como outras práticas de matriz africana. Aqui transitamos por um movimento cultural que se constitui na alteridade e conexões de diferentes elementos midiáticos. O corpo é o repertório que fundamenta o rito, mas encontramos corpo em dimensões não-humanas, como nos tambores e nas calungas. São diversas as corporalidades que se manifestam, e estas são conectadas pela relação entre canto, toque, dançar e gesto, é o elo entre os elementos que fomenta a criação performática.

Nesta oportunidade não nos aprofundaremos sobre os aspectos do Maracatu Nação tal qual requer sua complexidade, porém, ao destacarmos esse referencial ritualístico de encontro de matriz africana e indígena, reconhecemos uma especificidade das Nações que, dentro de práticas educativas e relações intermediáticas, apresentam uma potencialidade ancestral aquilombada, que resistiu às investidas coloniais, racistas e seus projetos genocidas.

A existência do maracatu em Foz do Iguaçu, ainda que no sul do país, demarca a presença, um trânsito e uma demanda por fazeres *afro referenciados*. Cabe lembrar que a cidade possui 36% de sua população autodeclarada negra (IBGE, 2010). Esse aspecto é o elemento inicial que nos direciona a uma metodologia intercultural, pois lidamos com uma tradição que, ao fundar-se na região, promove pontes e conexões entre as diferenças culturais que marcam a multiplicidade da população negra em contexto nacional.

Aproximamo-nos da interculturalidade pelo viés do traduzir, convergindo assim a tradução e os encontros midiáticos junto da performance do maracatu, enquanto elemento de mediação intercultural. A nossa proposição aqui destina-se a reconhecer o trânsito que marca a prática de grupos de maracatu, de forma específica a do Kaburé Maracatu, que diferem das Nações, tanto por sua localidade/territorialidade, como pelos fundamentos religiosos que, quando presentes, não se articulam da mesma forma que encontramos na ritualista de tradição pernambucana.

Em perspectiva teórica e prática, esta análise é conduzida pelo aporte intercultural e pelas relações intermediáticas, considerando a concepção de interculturalidade como “um projeto contínuo a se construir” (WALSH, 2005, p. 46). Por meio da mediação cultural, a interculturalidade é aqui pensada como uma possibilidade que edifica pontes e diálogos. Diana Pereira (2018) destaca que a “mediação cultural, não é sinônimo de harmonização, mas de busca de soluções e alternativas criativas, inclusivas e menos assimétricas.” (PEREIRA, 2018, p. 46) Nesta reflexão a mediação cultural, enquanto aporte teórico e prático, nos permite

compreender a articulação de conexões e de redes interculturais, que oferecem uma forma de transbordamento de fronteiras e troca de saberes ancestrais entre Nações e grupos de baquevirado.

Cabe, nesse sentido, considerar a relação do traduzir, como sugere a perspectiva de Diniz e Ayala (2016), que considera a tradução como aquela que lida com os intermediários, com mediadores entre culturas. A concepção da intermedialidade aponta

[...] não apenas um processo que traduz a partir de uma textualidade corporal que leva em consideração uma prática de oralidade, de corporalidade, como também a ideia de que o processo implica o uso de diferentes meios, tecnologias, a fim de dar visibilidade ao que está sendo produzido de modo dinâmico, corporal, oral, em forma de ritual. (DINIZ; AYALA, 2016, p. 3)

Em convergência, invoca-se um processo de fazer perpassado pelo intercultural intermediário, que se promove no encontro das multimídias e referências, e restaura uma potência de prolongamento das conexões culturais e territoriais. Observamos nesse encontro uma performance cultural que evidencia, a partir da perspectiva de Taylor (2013), um “repertório de práticas incorporadas como um importante sistema de conhecer e de transmitir conhecimento.” (TAYLOR, 2013, p. 57).

A tradução intercultural, pensada como um projeto provisório em construção, é entendida como um aporte metodológico, que segundo Alai Diniz e Jazmin Ayala (2016), provoca a presença do mediar: voz, ritmo, gesto, corpo, territorialidades e trânsitos.

O ensino da manifestação cultural para um coletivo situado em Foz do Iguaçu, o Kaburé Maracatu, atravessado pelo mediar, faz uso do que Diniz e Ayala (2016) conceitualizam como *metodologia tradutória intercultural*. Essa perspectiva metodológica aponta um encontro que comunica a diferença, costura pontes, e faz uso de tecnologias que dão visibilidades a um campo interfronteiriço, dinâmico e corporal. A tradução, nesse fazer teórico e prático, visibiliza potencialidades múltiplas: a textualidade, o ritmo, o gesto, a voz, o ritual e seus processos (DINIZ; AYALA, 2016).

[...] a performance no vértice da mediação cultural não basta com ser apenas uma linha de pesquisa, mas arrisca-se a atuar e a partir da prática propor uma base preliminar de como proceder interdisciplinarmente entre saberes e sistemas a fim de buscar uma forma de traduzir a performance discursiva do corpo do outro que engendra subjetividades e contempla-se como *corpus* transversal às culturas, uma tradução intercultural. (DINIZ; AYALA, 2016, p. 17)

Como um projeto provisório em construção, o emprego do método, quando associado aos estudos performáticos, possibilita a compreensão de um saber que só se constitui na presença, no funcionamento intermediário, que demarcam também um modo cultural de pensar e organizar a transmissão de saberes. O corpo em transbordamento coletivo, marcado pela presença de batuqueiros, catirinas, corte e afins, que tocam, cantam, dançam e ecoam o Maracatu em seu rito afrobrasileiro, se faz multimídia porque há o encontro de diferentes corporalidades, e nos indaga sobre a possibilidade de identificar nesse repertório em trânsito um procedimento intercultural, que se constitui na presença da tradução vivenciada na prática.

Quando esse fazer de múltiplas dimensões transborda fronteiras e caminha por outros contextos culturais, essa dimensão de corpo demarca a elasticidade da criação tradicional, que é aberta às possibilidades de novos encontros territoriais. Há um elo de continuidade atravessado pelo sentido ancestral que emana dessa prática, ainda que não corporificada em Calungas fundamentadas pelo contexto sagrado, pois os grupos espalhados pelo país não possuem esse saber/fazer. Essa dimensão do fundamento tece uma conexão com as Nações,

que se alimentam da troca, do respeito e da circularidade dessa prática presente em diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Nesse aspecto, cabe destacar que grupos de maracatu estabelecem modos de conexões com as Nações que estudam ou se filiam a partir da presença de Mestres, contramestres, membros da corte e demais batuqueiros enquanto oficinairos em suas sedes, por via de festivais e encontros de Maracatu, ou até mesmo viagens para os aquilombamentos das Nações. Essa característica também se faz presente no grupo Kaburé Maracatu, e nos permite compreender uma dimensão comunitária que se estabelece em rede, onde a nutrição de ambos os lados conflui no encontro. Negociar as assimetrias e as contradições faz parte desse processo de construção coletiva que promove um modo intercultural de se alargar.

As dimensões da tradução colaboram com a reflexão aqui desenvolvida, uma vez que compreendemos o traduzir como negociar, como uma tarefa criativa que tangencia o equívoco e, nas palavras de Diniz e Ayala (2016), um campo interfronteiriço, conduzido pelo desejo histórico de atravessar fronteiras e mediar limites.

Considerar as dimensões culturais e dar atenção a como se estabelecem pontes entre as culturas, é um modo de promover a prática intercultural no aspecto que aponta Walsh (2005), dimensionado como uma proposição em construção, que converge o desafio de aliar teoria e prática num interesse social que destina à compreensão das diferenças e ao diálogo, não como um fazer acabado, mas como um processo em elaboração e tensão dialética.

## **PARA INICIAR O TEXTO REPERTÓRIOS FRONTEIROS EM TAMBORES EM DIFUSÃO**

A cultura popular é tangenciada pela criatividade, pela tradição em movimento e pela potencialidade que emana do fazer coletivo, periférico e resiliente. A cidade de Foz do Iguaçu, situada no oeste paranaense, congrega diferentes práticas populares e movimentos migratórios. São diversas práticas culturais que aqui efervescem, oriundas de localidades variadas, tanto a nível nacional quanto plurinacional. A diversidade cultural e étnica é marca fundamental desse ambiente fronteiriço, construído pelo fluxo e encontro de práticas diversas. São mais de 80 etnias que compõem a pluralidade local.

Nesse sentido, movida pela riqueza da multiplicidade de fazeres culturais, esta análise transita pela experiência coletiva fronteiriça e seus fazeres da cultura popular afro-brasileira, especificamente a que perpassa pelo *Maracatu Nação* ou *Maracatu de baque-virado*. Essa expressão tem ganhado espaço na região, tanto pela característica que constitui o processo migratório iguaçuense, marcado pela referência significativa de nordestinos, quanto pelos grupos de maracatu que aqui se estabeleceram: Kaburé Maracatu, Alvorada Nova, Baque-Jovem e Baque-Mulher.

O maracatu de baque-virado é uma expressão recente na cidade de Foz do Iguaçu, tendo suas primeiras oficinas e fundação de coletivos há cerca de 10 anos. Na região norte da cidade, lugar em que o Kaburé Maracatu desenvolve suas atividades há mais de 7 anos, o emprego desse fazer configura-se como um modo de desconstruir imagens negativadas nos imaginários da comunidade, em especial na tão repetida conexão entre maracatu e batuqueiros com *macumba*, sendo que o próprio conceito deste termo é distorcido e posto fora de contexto entre aqueles que atacam as religiosidades de matriz afro-brasileira. É importante ressaltar o esforço do coletivo aliado aos fazeres e atividades formuladas pelas equipes multidisciplinares dos colégios estaduais da região, que foram instituídas pelo estado do Paraná como meio de fomentar e aplicar as leis 10.639/03 e 11.645/08.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007) ao pensar as relações étnico-raciais destaca que o Estado brasileiro vem reproduzindo historicamente uma política que oculta a diversidade, como forma de inculcar e cultivar entre indígenas, negros e empobrecidos um

“sentimento de não pertencer à sociedade”. Processo este que, nas palavras da autora, cria uma noção distorcida das relações étnico-raciais, “de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. Considera-se democrático ignorar o outro na sua diferença” (SILVA, 2007, p. 98).

O trabalho, não só pela ‘tolerância’, mas pela equidade e coexistência das diferentes religiosidades e formas de expressão, deve ser diário, continuado e propagado. É dessa compreensão e necessidade que são formuladas as diferentes ações do grupo: as oficinas continuadas de formação de maracatu abordam a parte percussiva, em sua convergência multimídia, mesclando dança e canto, oficinas de construção e manutenção de instrumentos, rodas de conversa e apresentações culturais

A maneira como o Maracatu Nação e sua transitoriedade chega a outros territórios de sentido e fazeres com os grupos de maracatu, pode ser pensada a partir do que Claus Clüver (2006) destaca sobre repertório:

O repertório que utilizamos no momento da construção ou da interpretação textual compõe-se de elementos textuais de diversas mídias, bem como, frequentemente, também de textos multimídias, mixmídias e intermídias. As comunidades interpretativas, que determinam e autorizam quais códigos e convenções nós ativamos na interpretação textual, influenciam também o repertório textual e o horizonte de expectativa. Mas o repertório é, em última análise, parte dos contextos culturais nos quais se realizam a produção e a recepção textual (CLUVER, 2006, p. 15).

Marcados pela perspectiva de Clüver (2006), podemos compreender o projeto *Tambores em Difusão* (2020) como um modo de interpretar o Maracatu nação, marcado por um contexto de pandemia que remediou repertórios e atualizou os limites. O repertório aqui é ancestral e atravessado pelo trânsito. Por meio de conexões midiáticas, a ação combina uma forma de restaurar alegoricamente as conexões. Os cacos jorrados pelo distanciamento social são movimentados pela necessidade de restaurar a presença. O desejo de seguir transitando potencializa a partilha do projeto. Entre fragmentos de dor e reconstrução, na medida em que se coloca como ponte, como Benjamin (2013) aufere, a ação atua junto a ruínas que, marcadas pelo luto, trazem consigo significados profundos. Desse modo, consideramos que a manifestação artística cultural, por meio da dialética, atravessa os conflitos de nosso tempo e, como um modo de restauração, compõe em sua montagem fragmentos de cura.

Nessa responsabilidade de compor fragmentos, dentro de uma dimensão coletiva e comunitária, é que emerge a proposição e inserção do coletivo de maracatu Kaburé em editais culturais locais e de outras instâncias. Tal forma de fomento possibilita a manutenção do grupo, que oferece oficinas e atividades para a comunidade e escolas, todas gratuitas. Além disso, a proposição de projetos se inscreve como um modo de praticar perspectivas teóricas e promover dimensões de ensino voltadas para as conexões das relações étnico-raciais. Como fruto dessa instrumentalização é que surge a iniciativa *Kaburé Maracatu – tambores em difusão*, aprovada em edital de premiação pelo Fundo Cultural de Foz do Iguaçu no ano de 2019/2020, promovido pela Prefeitura de Foz do Iguaçu, Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e Conselho de Políticas Culturais de Foz do Iguaçu.

Ao pensar a prática e o estudo do Maracatu por meio de um repertório intermediário ancestral, busca-se oferecer uma forma de pensar os desafios da atualidade. Irina Rajewsky (2012) destaca que a intermedialidade oferece um modo de compreender existências culturais marcadas por um procedimento que atravessa as fronteiras entre mídias. O conceito de intermedialidade “designa aquelas configurações que têm a ver com um cruzamento de fronteiras entre as mídias e que, por isso, podem ser diferenciadas.” (RAJEWSKY, 2012, p. 18).

A relação aqui construída interage com um modo intermediático que comunica na intersecção e num modo pedagógico cultural de convergir mídias, um tecer de abertura confluyente frente às recepções, a renovação, a tradição e seus vínculos midiáticos.

A ação aprovada pelo sistema de políticas culturais de Foz do Iguaçu, inicialmente foi direcionada para a promoção do baque-virado, mediante apresentações culturais e rodas de conversa presenciais nas diferentes regiões de Foz do Iguaçu, e teve que ser readaptada com a pandemia do vírus SARS/CoV-2. Dentro da adaptação, o objetivo geral do projeto se direcionou a produzir 5 vídeos, como modo de difundir o Maracatu-nação e suas distintas vertentes, através do entoar do coletivo de baque-virado Kaburé Maracatu. Cada vídeo relaciona-se com um sotaque específico, manifestado dentro das diferentes Nações. O resultado final se expressa na conformação dos seguintes vídeos<sup>2</sup>:

- Kaburé Maracatu entoa a Nação Leão Coroado
- Kaburé Maracatu entoa a Nação Estrela Brilhante do Recife
- Kaburé Maracatu entoa a Nação Cambinda Estrela
- Kaburé Maracatu entoa a Nação Baque Forte
- *Making Of* Tambores em Difusão

O conteúdo dos vídeos incluiu a performance musical, acompanhada de relatos da história do baque-virado em Foz do Iguaçu e sua relação com Pernambuco. Na oportunidade, o material incluiu em seus debates a importância das políticas públicas culturais e seu papel dentro do contexto de pandemia, e também os fazeres comunitários desenvolvidos pelas Nações nesse momento em que o estado de vulnerabilidade de suas comunidades acentuou-se.

Em estado de acirrada desigualdade e risco à manutenção da vida, movimentos sociais e organizações comunitárias no Brasil e no mundo têm encarado a urgência de (re) criar modos de sobrevivência. Nesse sentido, essa ação aqui compartilhada, em consonância com a historicidade do povo negro, indígena e subalternos, evidencia um elo de estratégia social, que tem no ancestral e no desafio contemporâneo marcado pela pandemia e suas marcas, uma urgência de ativar e (re)organizar mecanismos de cuidado e sobrevivência coletiva.

Com o distanciamento social, o encontro cultural e seu rito performático destinado à vivência da rua e do coletivo foram impossibilitados. As comunidades do maracatu de baque-virado, que antes mantinham seus pares gerando renda por meio de suas práticas culturais, de ensino e envolvimento pedagógico que perpassam as manifestações populares, investiu suas habilidades de cuidado e acolhimento para levar outros tipos de afetos. O ambiente virtual, potente aporte de visibilidade dessas práticas, acionou novas faces e usos especializados, tornando-se também uma forma de manutenção dessa existência, como no caso do Kaburé Maracatu com o projeto Tambores em Difusão.

Ainda sobre as estratégias de sobrevivência, cabe reconhecer o que Walsh (2013) considera como uma *pedagogia decolonial*, um modo de resistência presente nas terras latino-americanas desde a invasão colonial-imperial. Das emergências latentes, essa pedagogia é entendida por Walsh como uma metodologia cosmológica, psíquica, analítica e organizacional que reflete uma prática coletiva estrategicamente pedagógica.

Relacionar esta dimensão dos estudos decoloniais nesta análise é um modo de reconhecer que, para além das dificuldades sanitárias geradas pela Covid-19, a população

---

<sup>2</sup> Link do canal de youtube grupo - [Kaburé Maracatu](#) e rede social de facebook do coletivo - <https://www.facebook.com/kabure.maracatu> onde se pode acessar o material produzido.

brasileira, em sentido específico os Maracatus, enfrentou um risco diferenciado pelo mandato de um governo federal (2019-2022) que atuou na contramão das medidas protetivas de distanciamento social, uso de máscaras, emprego de medidas que gerassem seguridade social, sanitária e medicinal. Nesse caso, o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) é entendido como uma face genocida de um projeto antigo, que segue emergente desde a invasão dessas terras. Eliminar e colocar em risco a diversidade cultural é uma prática antiga nessa inventada nação, e expressão do estado brasileiro que Bolsonaro governou, que empreendeu grandes esforços para colocar em risco e promover a morte de milhares de habitantes. Tais ações são expressas na recusa de ofertas de vacinas, nas denúncias de possíveis casos de corrupção envolvendo aquisições de medicamentos e vacinas, nas mais de 650 mil vidas perdidas, e também nos milhões de cidadãos afetados pela perda e/ou por sequelas que poderiam ser evitadas com o emprego de uma política nacional séria e preocupada com a manutenção de vidas.

Nesse contexto, onde práticas da necropolítica (MBEMBE, 2018) são priorizadas pelo estado, a organização pela vida, pela manutenção de corpos-saberes, é um modo pedagogicamente herdado de uma história manchada por investidas institucionalizadas que exterminaram muitos, e que revela a sagacidade de um povo que ousa esperar. Pedagogicamente envolvidos em modos de atuar que

*[...] abren una ventana hacia las prácticas insurgentes políticas, sociales, culturales, epistémicas y existenciales que enseñan cómo rebelar, resistir, seguir, medrar y vivir pese a la colonialidad, no sólo desde su exterioridad —o desde la total autonomía— sino también y a la vez, desde las fronteras y la subversión de la misma colonialidad. (WALSH, 2013, p. 36).*

As fronteiras aqui estão pensadas em suas porosidades, pois evidenciam a resistência e as estratégias coletivas, como um modo pedagógico de transbordar e defender vidas físicas, epistêmicas e simbólicas. Ao resistir, transbordamos fronteiras e criamos barreiras de proteção de nossos pares. Nesse sentido, a interculturalidade, como um projeto em construção, conversa com um modo de fazer e ser sociocultural em trânsito, e consciente da potencialidade de se estabelecer redes e formas de cuidado coletivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer cultural, pensado pela via da prática da mediação cultural, inscreve aqui possibilidades que são construídas coletivamente: nas ausências, nas fragilidades, na abertura de novos caminhos e, nesse caso, na (re) elaboração de projetos dispostos a enfrentar as dificuldades e urgências do momento. As reflexões produzidas por Pereira (2018) destacam que a “mediação cultural, pensada como categoria prática e também reflexiva, vinculada aos modos de ação social, atua na proposição de outras formas de sociabilidade, dentro da qual necessariamente precisa ser inclusiva e participativa.” (PEREIRA, 2018, p. 46) Nesse aspecto, a mediação cultural, dentro do processo de elaboração de projetos, redes e conexões virtuais ou não, está pensada como um elemento criador de comunidades e de sentidos, no qual a fricção e a tensão fazem parte do processo da construção. O mediar encara as assimetrias, não foge delas, pois ele carece da provocação da alteridade. Sua pulsão epistêmica encara a necessidade da mudança, no reconhecimento de suas falhas como parte da construção de novos caminhos.

Tomando as formas com que o grupo Kaburé Maracatu media os saberes de (re) existência negra e periférica, dentro de processos de empoderamento e emancipação social, viver o maracatu apresenta-se como instrumento de luta interseccional, direcionado a corromper as opressões de gênero, raça e classe que engendram nossa sociedade. Nesse



aspecto, cabe reconhecer a cultura, dentro da proposição de Diniz e Ayala (2016), como uma ferramenta que assinala uma prática que funciona “como vestígio particular a produzir subjetividades naquela cultura e a possibilitar que o sujeito a ser articulado em contextos assimétricos estabeleça uma atitude de resistência nas relações de poder.” (DINIZ; AYALA, 2016, p. 4)

A alternativa de realizar as apresentações *on-line*, com reduzido número de integrantes e dentro das medidas de segurança exigidas, foi uma forma encontrada para engajar as comunidades tanto do maracatu quanto de Foz do Iguaçu. Junto das redes sociais, a partir de impulsionamentos das publicações, foi possível e de grande valia atrair e apresentar a cultura popular para a cidade. A experiência inscreve novas vias midiáticas nas relações, instrumentaliza e gera acolhimento. Um fazer/saber que segue persistindo e promovendo, via a escuta, o ecoar, o diálogo, o respeito aos mais velhos, uma forma de projetar encontros interculturais.

O maracatu, como repertório negro e indígena e enquanto manifestação artístico-cultural que congrega diferentes mídias, expressa um modo de existir no diálogo e nas interconexões. A presença, o rito do estar na rua, é um elemento desta prática que se atualiza na necessidade e no empenho criativo. A disposição das pontes, aqui referenciada pelo empenho do projeto *Tambores em difusão* (2020), apresenta um modo de restaurar relações fragilizadas pelo contexto de pandemia. O aporte do audiovisual ou *on-line* não é a novidade latente do projeto, mas sim a urgente necessidade que surgiu com a pandemia de se atualizar e adaptar práticas culturais de rua e contato social através do virtual, como um restrito modo disponível de estabelecer conexões. Deste modo, compreendemos que o aporte intermediário atua como conector de fragmentos do nosso tempo e oferece um modo de conexão e projeção de afeto que fomenta a resiliência.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira et al. **"É de nação nagô!": o maracatu como patrimônio imaterial nacional.** 2015, 169 f. Tese de doutorado em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão.** Tradução de BARRENTO, João. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira.** São Paulo: Martins, 1964.
- CLUVER, Claus. Inter textus inter artes inter mídias. **Revista Aletrias.** Belo Horizonte:UFMG, 2006, v. 14, n. 1.
- DINIZ, Alai Garcia; AYALA, Jazmin Rocío Gutierrez. Tradução e performance como base de uma metodologia Intercultural: Mba'e Jára e um discurso xamânico Ava Guarani. In: ROMANELLI, Sergio (Org.) **Processo de criação em literatura e tradução literária e intersemiótica.** Vinhedo: Editora Horizonte, 2016. p. 105-122
- IBGE, IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico,** 2010.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** N-1 Edições. São Paulo, 2018.
- PEREIRA, Diana Araujo. **Revista de Literatura,** História e Memória, v. 14, n. 23, p. 43-57, 2018.
- RAJEWSKY, I. O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Tháís Flores Nogueira (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes:** desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 15-45
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação,** Porto Alegre - RS, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório:** performance e memória cultural nas Américas. Trad.: Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- WALSH, C. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento,** [S. l.], v. 24, n. 46, p. 39-50, 2005. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/view/4663>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- WALSH, Catherine. **Introducción: lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos.** In: Walsh, Catherine(org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Quito, 2013. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogias-decoloniales-volumen-i.pdf>. Acesso em 02 jul. 2021.
- WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir,(re) existir y (re) vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Recebido em 30-10-2021  
Revisões requeridas em 04-03-2023  
Aceito em 20-03-2023